

ENTREVISTA COM O PROFESSOR VALDEMIR MIOTELLO SOBRE BAKHTIN E AS PERSPECTIVAS PARA AS PESQUISAS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

Michell Pedruzzi Mendes Araújo¹
Israel Rocha Dias²

Nesta entrevista, realizada com o professor Valdemir Miotello da Universidade Federal de São Carlos, abordamos a relevância de Mikhail Bakhtin para o campo da educação, principalmente sobre as possibilidades que esse teórico abre para o desenvolvimento de pesquisas nessa área.

O professor entrevistado, Dr. Valdemir Miotello, possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição [Seminário Maior de Viamão] (1974), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2001). É Professor Associado IV (aposentado) da Universidade Federal de São Carlos, lotado no Departamento de Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos Bakhtinianos, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos bakhtinianos; linguagem e sociedade; filosofia da linguagem; linguagem e ideologia. É líder do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGe/UFSCar.

Acerca de Mikhail Bakhtin, é importante destacar que se trata de um teórico russo que nasceu em 1895 e morreu em 1975. Graduou-se em filologia (estudo da língua em toda a sua amplitude, e dos documentos escritos que servem para documentá-la) e em história. Dedicou-se também às Letras, História da Cultura, Filosofia, Estética, Literatura e Filosofia da Linguagem (BAKHTIN, 2002).

Esse pensador buscou o fim da dicotomia existente na época: formalismo e idealismo, que tanto em uma visão como na outra vertente considera a linguagem do ponto de vista individual do locutor, personagem solitário da

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. michellpedruzzi@vahoo.com.br

² Universidade Federal do Espírito Santo. isrocha30@gmail.com



comunicação verbal, apagando o papel constitutivo do outro. Bakhtin também faz em seus manuscritos uma severa crítica e uma distinção radical entre as duas tendências da filosofia da linguagem: subjetivismo idealista e objetivismo abstrato (BAKHTIN, 2002).

De orientação marxista e alicerçado teoricamente no materialismo dialético, Bakhtin compreendeu o ser humano como um sujeito histórico e cultural, que tem sua consciência constituída a partir da linguagem e cuja subjetividade é tecida nas e pelas relações dialógicas. De acordo com Bakhtin, “uma das tarefas urgentes do marxismo é constituir uma psicologia verdadeiramente objetiva. No entanto, seus fundamentos não devem ser nem fisiológicos nem biológicos, mas SOCIOLÓGICOS” (BAKHTIN, 2002, p. 48 – grifo do autor).

Tendo em vista a necessidade do outro para o nosso processo de nascimento cultural, para nos inserirmos em um grupo social e para a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano, buscamos um ‘outro’, e para nos tornarmos mais ‘fortes’advogamos que o ‘eu’ se torna mais forte no ‘nós’ na medida em que agimos dialogicamente, ou seja, na medida em que dialogamos com os outros. É nesse contexto de relações alteritárias e dialógicas que apresentamos essa entrevista, já que o Professor Dr. Valdemir Miotello tem sido uma das principais referências nacionais e internacionais no estudo da linguagem numa perspectiva bakhtiniana.

A entrevista foi realizada por meio virtual, transcrita e devolvida ao professor para que fizesse os devidos ajustes em sua fala. Como dialogamos também com os postulados de Bakhtin, decidimos por respeitar as manifestações dialógicas e alteritárias do entrevistado, o que permite ter acesso também à sua subjetividade.

Michell e Israel: Professor Miotello, como podemos fazer ciência ao pesquisar?

Valdemir Miotello: É preciso pensarmos que Bakhtin tem algumas questões em relação a isso e ele propõe que devemos refazer essa visão de ciência que foi desenvolvida nos últimos três ou quatro séculos e tem uma proposta bem clara em relação às ciências em geral. Ele traz com bastante

clareza que a ciência, e a ciência que ele propõe é outra ciência, uma heterociência, deve sair dessa ciência convencional. Para Bakhtin, o que distingue o modo de fazermos ciência humana, ou ciência na perspectiva de Bakhtin, é o fato de que nós sempre temos um objeto que é único, um evento que é único, um acontecimento que é único, uma pessoa que é única, de modo que não possuímos essa possibilidade da replicação.

Como exemplo, não podemos levar para um laboratório e tentar fazer aquilo acontecer de novo, de novo e de novo... Porque cada vez é uma vez nova, diferente, única, e isso traz consequências para a ciência que nós desenvolvemos. Conseqüentemente, não temos essa possibilidade de replicação porque o objeto que estudamos é único, seja qual for o objeto, então, também não temos a questão da exatidão. Esta não se põe porque A não é igual a A. Essa é uma das possibilidades, mas A, um objeto qualquer, pode ser qualquer coisa: A, B, C, D, A', A'', A'''. A questão da exatidão não se põe, portanto, temos sempre um objeto que é único, não um objeto que é unitário, é uma unidade de outras, mas sempre é um objeto único.

Essa perspectiva também traz outra compreensão, que é a visão que se tem do mundo em que [este] é construído também pela linguagem. A linguagem é muito importante, porque aquilo que é dito sobre [o objeto], o que significa? Nós não captamos diretamente, mas sim o que é dito sobre aquele objeto.

Nós sabemos que uma árvore é uma árvore porque outras pessoas nos disseram, então, isso já se caracteriza como uma construção sócio-histórica, portanto, a linguagem discursiva, aquilo que é dito sobre, é uma questão fundamental, muito importante. E não vai haver uma única perspectiva sobre aquele objeto porque a voz é de cada um, que é única, mas que são várias vozes com fases, são dizeres [diferentes], várias possibilidades. Significa dizer que seria olhar o mesmo pedaço do mundo, o mesmo objeto, que significa então que, em vez de termos uma exatidão, teremos uma cidade de vozes dizendo sobre aquele objeto. E quanto mais dizeres, nós vamos entrando em contato com ele, aquilo que Bakhtin chama de uma penetração profunda e, às vezes, nós vamos penetrando mais profundamente naquele pedaço do mundo, e isso é positivo porque põe em jogo, por exemplo, outra questão, que é a questão da verdade. Então, nós também não temos uma verdade única. Esta é construída

naquela relação com aquele objeto que está naquele momento sendo olhado. Nesse contexto, se não estamos brigando por uma verdade única, brigamos, na verdade, por penetração profunda. Para compreender, mas também quero saber o que você pensa sobre esse pedaço do mundo, sobre esse evento, sobre esse acontecimento, então, basicamente isso é a primeira parte para pensarmos sobre ciências humanas em uma perspectiva Bakhtiniana.

Temos que pensar ciência em outro lugar, que não é essa ciência que repete e que replica; não é essa ciência que busca exatidão de uma única verdade, não! Buscamos outra ciência que nós temos que construir. Devemos pensar na ciência do homem, que interessa ao homem, que é uma ciência humana, que é uma ciência construída de um e do outro junto nessa relação. Então, essa eu diria que é uma primeira questão que deve ser dita.

Michell e Israel: Que teorias embasariam essa nova forma de pesquisar?

Valdemir Miotello: Digamos, se formos falar em educação, mas pode ser em qualquer área que interesse ao homem, eu acho que Bakhtin pode ajudar a pensarmos nessas questões. Uma primeira questão que ele chamaria atenção, certamente, é a questão do sujeito. Isso, para a teoria Bakhtiniana, é sempre importante, é fundamental. É preciso tirar esse sujeito, que é o “eu”, do centro.

Nós temos uma ciência nos últimos 350 anos construída com base em um sujeito que é central. Esse sujeito tem que ser descentralizado, porque aquele sujeito que diz: “eu penso, logo eu existo!”, ele se constitui por si mesmo, esse sujeito é auto construtivo e isso não é como Bakhtin pensa e não é certamente como a maior parte [de nós] pensamos. Há uma relação eu-outro, e o “eu” é sempre uma construção do outro, então, “eu” não está no centro, é o contrário, se antes tínhamos um centro que era único, agora nós precisamos deslocar um pouco “eu” e construir um segundo centro de valor que é o “outro”, então, temos um centro de valor que é o “eu” e outro centro de valor que é o “outro”, aqui está posta a questão do sujeito. Esse deslocamento, que é tirar a identidade do centro e construir identidade a partir das relações alteritárias faz com que tenhamos aqui o ponto mais central revolucionário para Bakhtin: “eu” desloca esse “eu” e constrói como outro eixo, um outro centro de valor, o “outro”, que é

aquele que me constitui. Então, a alteridade é revolucionária nesse sentido.



Bakhtin é revolucionário e é a possibilidade que nós temos também de nos livrar da identidade. A identidade é sempre uma armadilha, eu fico preso nela. “Eu” isso, “eu” aquilo, quem tem que dizer quem eu sou é o “outro”, então, essa visão, ela fica invertida, o “outro” é quem vai dizer quem eu sou e isso vai me livrar dessa armadilha que é a identidade, porque cada vez que o outro olha para mim e diz quem sou, ele vai dizer algo que só ele está vendo. O meu aluno me vê como professor, a minha mulher me vê como esposo, os meus filhos me veem como pai, os meus vizinhos me veem como vizinho e se eu vou ao mercado eles me veem como um possível comprador. O outro sempre me vê como único, daquele modo único que ele me vê, logo ele me tira desse lugar que seria sempre o mesmo, ele acaba com a homogenia que poderia a minha própria identidade me construir. Então, a questão do sujeito é fundamental.

Uma segunda questão que já me reporte aqui seria da linguagem, a questão das vozes, e isso me traz uma postura nova diante da vida que é uma postura de escuta. Eu preciso escutar o que o “outro” está dizendo, é importante, é fundamental! É isso que me constitui e, ao mesmo tempo, me oferece perspectiva de viver também um embate com a ideologia, com o mundo, com o modo de construir o mundo. Então as ideologias, esse lugar de um embate, é um lugar comum, digamos assim, constante, se dá toda hora quando alguém diz alguma coisa sobre qualquer objeto. “Eu gosto disso”, “odeio aquilo”, “esse sujeito me faz bem”, “esse sujeito me faz mal”, de modo que as pessoas ou eventos vão recebendo valoração dependendo do ponto de vista daquele que olha, daquele que vê. Portanto, a construção da ciência também passa por essa questão ideológica e é também um jogo de força, um ato político, diria Paulo Freire. Isso interessa a alguém e nós nos colocamos do lado de alguém, a favor de alguém, mas ao mesmo tempo se põe contra alguém, então, é um jogo político. A educação é um ato político e a linguagem é ideológica.

Uma terceira questão que eu acho que se levanta nessa parte das teorias que podemos embasar é também pensar essa questão da educação. E aqui eu diria que uma primeira questão que Bakhtin certamente tem como forte no seu trabalho é pensar que a vida, a vida humana, qualquer vida, deve estar no centro. A vida é o importante. A vida é o sinal mais claro daquilo que ele colocaria como eixo central que é a dialogia. A vida é



dialógica por natureza. Para que haja vida é preciso o embate de dois ou mais seres anteriores que entraram em um embate físico, sexual, amoroso, dialógico, dialético, linguístico, qualquer tipo de embate. Daí nasce a vida, nascem os eventos, os acontecimentos.

Outra questão nesse pensar a educação, digamos, é que o ato de aprender é fundamental. Decorre daquele ato da escuta, de se colocar no lugar da escuta, de dar tempo ao outro. Essa questão do tempo é fundamental porque, afinal, vivemos para o outro. O tempo é o tempo do “outro”, não o nosso tempo. Então, colocar a escuta nesse ato de aprender é fundamental. A educação é um ato de aprender. Não significa que tem alguém que vai ensinar. Todos juntos aprendemos, como diz Paulo Freire, em comunhão. O professor também é aquele que se põe na escuta, aquele que, de repente, aprende. Acho que esse ato de aprender é fundamental, porque então nós também vamos ao “outro”.

Bakhtin descreve esse processo dizendo: essa primeira postura, dirá o “outro”, é um movimento empático, da empatia, eu vou até o “outro”, eu mergulho no “outro”, eu penetro totalmente no “outro”, e lá eu sinto o que o “outro” sente. Mas eu sentir como o “outro” sente seria ao máximo duplicar essa mesma emoção, é preciso eu voltar para o meu lugar, então, nessa segunda postura eu vou até o “outro”, eu escuto o “outro” plenamente, eu quero aprender totalmente com o “outro”, e volto ao meu lugar. No meu lugar eu “monologizo”, eu transformo em meu aquilo que é a palavra do “outro”, eu transformo em minha posse, em minha propriedade. Assim, ninguém é dono absoluto da palavra, porque a palavra é livre, a vontade da palavra é sair andando sempre. Quando eu a habito uma palavra, ela já está habitada. Ela já possui lá dentro as vozes dos “outros,” então, eu venho a mim para me preparar para ir de novo ao “outro” agora com o “eu”, “eu” no embate com o “outro”, conhecendo, sabendo plenamente isso que o “outro” naquele momento está colocando como valor. Então, penso que essas questões são fundamentais para compreendermos um pouco as teorias que podem embasar as pesquisas na área da educação.

Michell e Israel: Diante do exposto até agora, nos fale um pouco sobre a questão do método, da metodologia, para Bakhtin.

Valdemir Miotello: Para Bakhtin isso é fundamental, porque se ele não está buscando a verdade como única, logo, essa questão de uma verdade absoluta não importa em nada para Bakhtin. O que importa é como vamos construir a verdade que se dá naquela relação. Eu acho que três questões podem ser ditas aqui para ajudar a pensarmos: a primeira perspectiva que Bakhtin coloca é que eu compreendo um texto com outro texto; eu compreendo alguém de um lugar que eu já estou, do conhecimento que eu tenho, daquela visão de mundo que eu tenho com relação àquela questão, então, é fundamental pensar essa primeira questão e usar uma palavra que Bakhtin usa bastante, que é cotejar. Então digamos, um caminho metodológico seria o caminho do cotejo, eu vou colocar uma coisa diante da outra, vou colocar uma voz diante da outra, eu vou colocar um texto diante do outro, eu vou compreender um texto com outro texto, não é aquele próprio texto olhando para ele, mas é ele na relação com o outro. Essa palavra relação para Bakhtin é absolutamente fundamental, o trabalho dele todo tem isso como base, estar em relação com... Então o cotejo, como esse primeiro passo de um caminho metodológico é fundamental. Aprender a cotejar, aprender a ouvir uma palavra com outra palavra, e um texto com outro texto, ouvir uma perspectiva com outra perspectiva, de modo que uma não anula a outra, mas as duas se embatem, elas entram em tensão e acabam produzindo algo que é novo.

Uma segunda questão que Bakhtin também fala é sobre a pesquisa narrativa, porque quando vamos a campo para pesquisar, para me colocar na escuta, nesse caso, escutar é fundamental, de novo, vou repetir, nós vamos numa perspectiva de quem narra, de quem conta, de quem fala da própria vida, de quem relata a experiência, experimento aquilo que ele sente. Não temos lá uma verdade objetiva, objetivada para ir buscar. Nós temos um pedaço da vida para compreender, para captar, para entrar em contato, para tensionar. Portanto, a pesquisa narrativa é fundamental porque ela mantém essa perspectiva da pesquisa, da busca, da escuta e da narrativa. Não é alguma coisa que vou buscar com perguntas pré-prontas, pré-preparadas. Não! Eu vou lá, na hora com a pessoa, vou escutá-la, vou ouvir as narrativas dela, vou ouvir o que ela tem para me contar. O outro fala, eu escuto. Isso é fundamental!

Uma terceira questão que se levanta nessa questão da metodologia é a possibilidade de eu prestar atenção àquilo que é o valor, a valoração, o ideológico, onde o outro está colocando o acento de valor naquele evento, naquele acontecimento, naquele pedaço de mundo.

Ginzburg nos fala sobre o paradigma indiciário, o indício. Eu tenho que prestar atenção naquele resquício, indício e registro (por menor que ele pareça ser), aquilo que me traz a possibilidade de compreender o outro. Essa questão da compreensão para Bakhtin é fundamental para nós fazermos pesquisa e ciência. Compreender é colocar uma palavra contra outra palavra. Bakhtin nos fala até de palavra e de contra palavra. Escutar é levar minha palavra a tensionar a palavra do outro que está vindo à minha direção. A palavra do outro não entra diretamente na minha cabeça, ela entra grudada na minha contra palavra, é um jogo “eu-outro”, outro “eu”, é uma relação de completude e incompletude.

Cada vez que o “outro” diz algo, ele vai me (in)completando cada vez mais. É um jogo que se dá [de modo que Bakhtin fala disso muitas vezes] entre a ética e a estética, entre aquilo que eu sou e aquilo que eu uso para pensar quem eu sou e aquilo que o “outro” faz ou pensa de mim. E é esse jogo que produz isso que nós todos estamos buscando, que é uma maneira nova, diferente de fazer ciência, de fazer pesquisa, de fazer educação, mas principalmente de aprender a ser uma pessoa melhor, isso eu acho que é o mais fundamental da nossa existência: que nesse encontro intenso com o “outro”, essa tensão da própria vida, que cada um de nós aprenda, pesquise, aprenda a ser um sujeito melhor. Acredito que é isso o que importa, é certamente a grande preocupação de Bakhtin.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da entrevista realizada e inspirados em Padilha (2002), Faraco et al. (1996), Miotello (2005), Souza (1998), podemos salientar que para Bakhtin a natureza do signo é social. Isso posto, entendemos que todo signo é ideológico, ou seja, sua base é o conceito de luta de classe; o social determina a enunciação; a palavra é signo por excelência; toda palavra enunciada e toda enunciação desdobra-se dialogicamente. Há, portanto, um constante movimento. Movimento este ligado às condições de comunicação que estão ligados às estruturas sociais; a enunciação é a palavra enunciada e isso se dá no meio social; os signos são socialmente determinados; a tomada de consciência se dá na relação de dois polos: EU-OUTRO. Mas o “eu” desprovido de classe não existe. O “eu” fica mais forte no nós, obtido na relação eu-outro. O sentido nunca está pronto, assim, a referência é o outro: é com o outro e pelo outro que as regras se constituem; a unidade da língua é o diálogo e o monólogo é o diálogo internalizado; o contexto onde ocorre determina um diálogo. O diálogo



é arena de luta, de conflito; a voz de cada um é de propriedade coletiva, é o que ecoa no meu discurso; pela palavra do outro é que emerge a minha consciência; somos feitos de vozes com marcas ideológicas, seja no sentido de ocultamento ou de visão de mundo.

Em suma, pretendemos que essa entrevista e as tecituras trazidas à tona possam ser molas propulsoras para estudantes, professores, pesquisadores, dentre outros sujeitos que almejem compreender (e por que não dialogar, problematizar, tensionar) o pensamento do teórico Bakhtin e as potencialidades da sua perspectiva para alicerçar teoricamente os estudos da área da educação, ultrapassando a questão do eu que fala e do outro que escuta para uma relação dialógica eu-outro: eu-outro que constituo e constitui. Eu-outro que dialoga, interroga, exclama, surpreende, ensina, aprende, nega, afirma...eu-outro que se constitui subjetivamente ininterruptamente.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Valdemir Miotello, da Universidade Federal de São Carlos, por ter cedido essa entrevista. À professora Janete Magalhães Carvalho, da Universidade Federal do Espírito Santo, por ter potencializado a realização dessa entrevista e a apresentação da mesma na sua disciplina, durante o nosso curso de doutoramento no PPGE-UFES. Aos professores Rogério Drago (UFES) e Anna Maria Lunardi Padilha (UFF) por nos cederem materiais sobre Bakhtin e por nos auxiliarem a compreender alguns conceitos-chave desse teórico.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. e CASTRO, G. (orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 1996.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B (Org.). **Bakhtin conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2005.



PADILHA, A. M. L. “Processos de simbolização e inserção cultural do deficiente mental (um estudo de caso)” I: **Revista Comunicações**, ano 9, n. 2, Novembro de 2002. UNIMEP, p.132-144.

SOUZA, R. M. **Que palavra que te falta?** lingüística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.